



2ª Fase

EXAME DISCURSIVO 07 / 12 / 2008

LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

Caderno de prova

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas seqüencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

Instruções

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
5. Todas as respostas deverão ser apresentadas nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta.
Não serão consideradas as questões respondidas fora desses locais.

Informações gerais

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo. Ao terminar, entregue **os três cadernos** ao fiscal.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2009 o candidato que, durante as provas, utilizar máquinas de calcular, relógios digitais, aparelhos de reprodução de som ou imagem com ou sem fones de ouvido, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

Boa prova!

Nestas páginas, estão presentes escritores de tempos e estilos diversos, com textos que nos convidam a desentranhar as “mil riquezas” e as formas apuradas da linguagem que neles se encontram. Cada um representa, a seu modo, a língua e a literatura brasileiras.

TEXTO I

Campo geral

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covoão¹ em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriju, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidadas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde se esquecer: alguém, que já estivera no Mutum, tinha dito: – “É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...”

Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; ou, mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar. – “Oê, ah, o triste recanto...” – ela exclamava. Mesmo assim, enquanto esteve fora, só com o Tio Terêz, Miguilim padeceu tanta saudade, de todos e de tudo, que às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado. E foi descobrir, por si,

que, umedecendo as ventas com um tico de cuspe, aquela aflição um pouco aliviava. Daí, pedia ao Tio Terêz que molhasse para ele o lenço; e Tio Terêz, quando davam com um riacho, um minadouro² ou um poço de grotta, sem se apeiar do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então Tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa. – “É para beber, Miguilim...” – Tio Terêz dizia, caçoando. Mas Miguilim ria também e preferia não beber a sua parte, deixava-a para empapar o lenço e refrescar o nariz, na hora do arrocho. Gostava do Tio Terêz, irmão de seu pai.

Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado – *que o Mutum era lugar bonito...* A mãe, quando ouviu essa certeza, havia de se alegrar, ficava consolada. Era um presente; e a idéia de poder trazê-lo desse jeito de cor, como uma salvação, deixava-o febril até nas pernas. Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; e, assim que pôde estar com ela só, abraçou-se a seu pescoço e contou-lhe, estremecido, aquela revelação.

Vocabulário:

¹ covoão – baixada estreita e profunda

² minadouro – olho d'água, quase sempre nascente de um córrego ou de um ribeirão

Questão
01

Guimarães Rosa se caracteriza pela linguagem instigante que encanta e desconcerta, permitindo ao leitor familiarizar-se com o potencial criativo da Língua Portuguesa.

Observe o fragmento do texto:

Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; (l. 49-51)

Aponte o significado do prefixo da palavra sublinhada e explicita, em uma frase completa, o sentido dessa palavra.

Rascunho

Questão
02

e Tio Terêz, quando davam com um riacho, um minadouro ou um poço de grotta, sem se apeiar do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então Tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa. (l. 30-38)

Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado – *que o Mutum era lugar bonito...* (l. 43-46)

Identifique o foco narrativo do texto de Guimarães Rosa. Em seguida, indique três recursos lingüísticos empregados pelo narrador, nos fragmentos acima, para aproximar-se do universo infantil.

Rascunho

Questão
03

A repetição pode expressar diferentes intenções estilísticas, conforme se observa nos fragmentos abaixo.

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome (l. 1-4)

É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, (l. 14-15)

Explícite o sentido de cada um dos pares sublinhados.

Blank area for writing the answer, containing several horizontal lines.

Rascunho

TEXTO II

A dança dos ossos

A noite, límpida e calma, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordam as margens do Paranaíba, nos limites entre as províncias de Minas e de Goiás.

5 Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que há entre as duas províncias. Antes de entrar na mata, a tempestade tinha me surpreendido nas vastas e risonhas campinas que se estendem até a pequena cidade de Catalão,
10 donde eu havia partido.

Seriam nove a dez horas da noite; junto a um fogo aceso defronte da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrível banho que a meu
15 pesar tomara. A alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira. Por trás de nós estavam os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás
20 dessas casinhas, estendiam-se as florestas sem fim.

No meio do silêncio geral e profundo sobressaía o rugido monótono de uma cachoeira próxima, que

ora estrugia¹ como se estivesse a alguns passos de distância, ora quase se esvaecia² em abafados
25 murmúrios, conforme o correr da viração.

No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas,
30 o mocho³ nas ruínas, as estrelas no céu e o gênio na solidão do gabinete costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meus companheiros, sem pertencer a nenhuma dessas classes, por uma exceção de regra
35 estávamos acordados a essas horas.

Meus companheiros eram bons e robustos caboclos, dessa raça semi-selvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Paranaíba, e cujos
40 nomes, decerto, não se acham inscritos nos assentos das freguesias, e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes.

Vocabulário:

¹ estrugia – vibrava fortemente

² esvaecia – desfalecia

³ mocho – coruja

BERNARDO GUIMARÃES

TUFANO, Douglas (org.) *Antologia do conto brasileiro. Do Romantismo ao Modernismo*. São Paulo: Moderna, 2005.

Questão
04

No texto II, Bernardo Guimarães emprega diferentes figuras de linguagem.

Observe o fragmento:

No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma. (l. 26-28)

Retire desse fragmento uma figura de linguagem, nomeando-a. Explique também a relação entre o emprego dessa figura e a estética romântica.

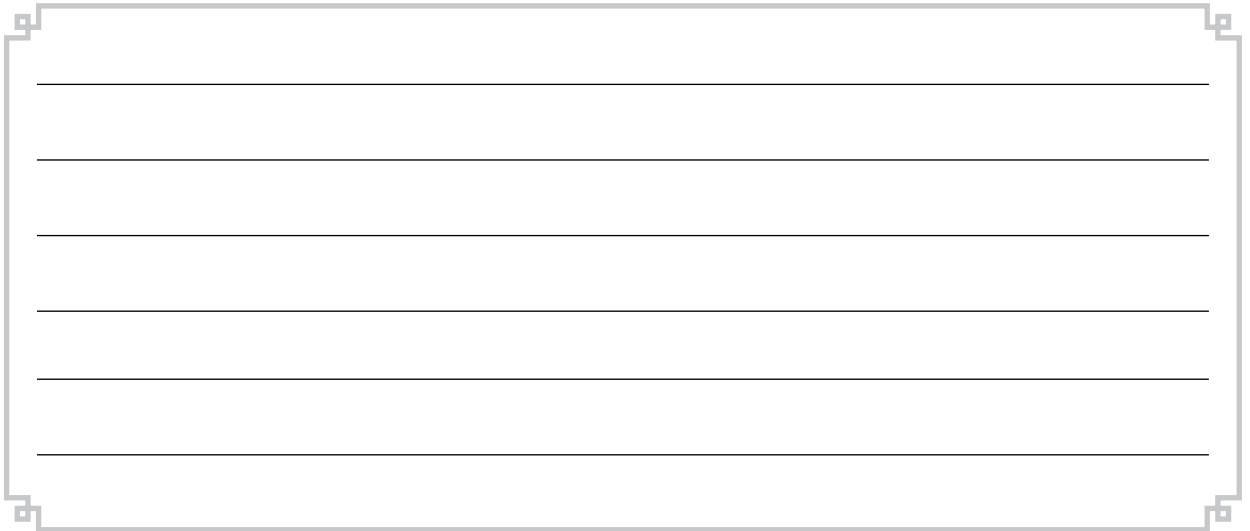
Blank area for writing the answer, containing seven horizontal lines.

Rascunho

Questão
05

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas, o mocho nas ruínas, as estrelas no céu e o gênio na solidão do gabinete costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso. (l. 29-32)

Classifique sintaticamente a segunda oração do período acima. Em seguida, substitua essa oração por outra de sentido correspondente, sem conectivo, preservando sua estrutura inicial.



Rascunho

TEXTO III

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras

- 5 lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu

a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu

chamava para o café.

- 10 Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

olhando para mim:

- 15 – Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava

no mato sem fim da fazenda.

- 20 E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

Questão
06

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom. (v. 7-12)

Identifique, na estrofe acima, dois traços característicos da estética modernista, um relacionado à linguagem e outro à forma do poema. Cite também um exemplo para cada um desses traços.

Rascunho

Questão
07

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu (v. 7-8)

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda. (v. 18-19)

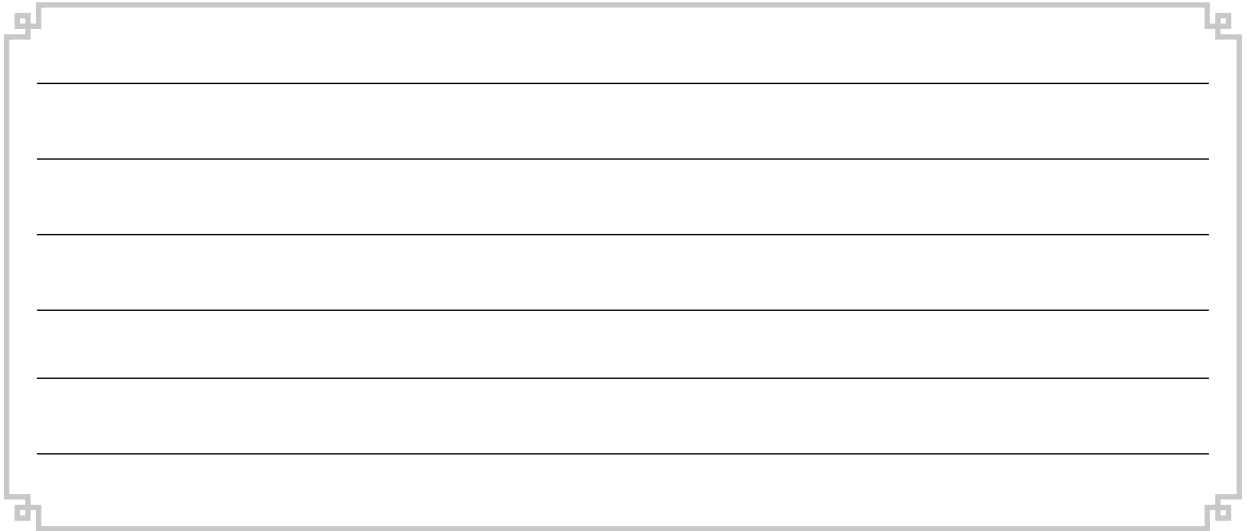
Classifique gramaticalmente as palavras sublinhadas e aponte a diferença de sentido entre elas.

Rascunho

Questão
08

No poema, Drummond emprega o pretérito imperfeito para lembrar fatos de sua infância.

Aponte a característica semântica desse tempo verbal que o torna adequado para recordar fatos. Em seguida, explique o valor semântico do presente do indicativo no sexto verso.



Rascunho

TEXTO IV

O dia abriu seu pára-sol bordado

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

5 Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua – a Lua! – em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
10 Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude..

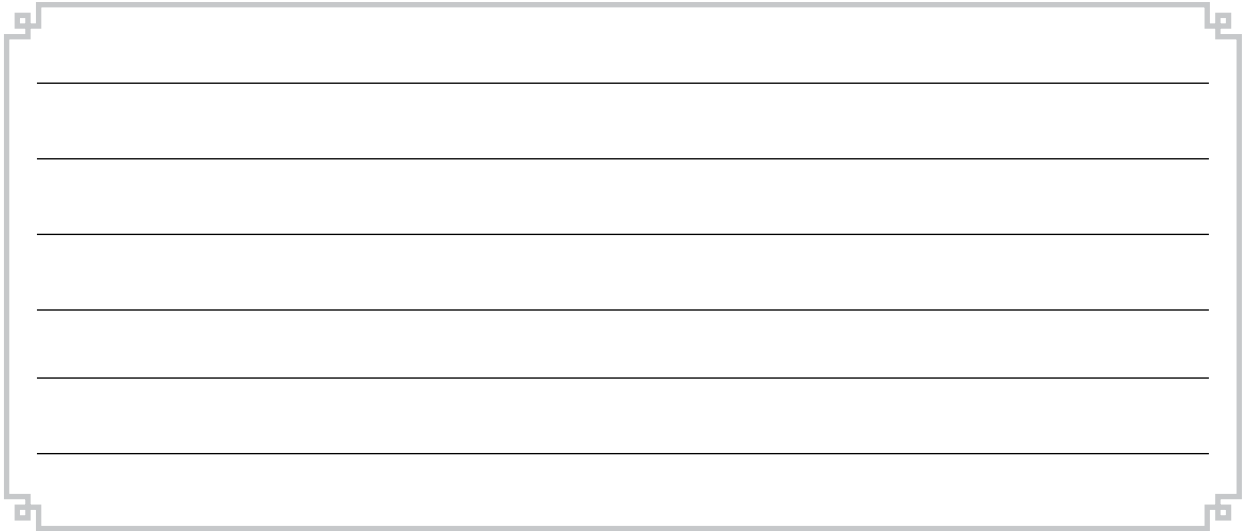
MARIO QUINTANA

Prosa e verso. Porto Alegre: Globo, 1978.

Questão
09

Há no poema de Mario Quintana um mesmo sinal de pontuação – o ponto de exclamação – que aparece em versos diferentes e com sentidos distintos.

Explicite o valor semântico atribuído a esse sinal em cada um dos versos.

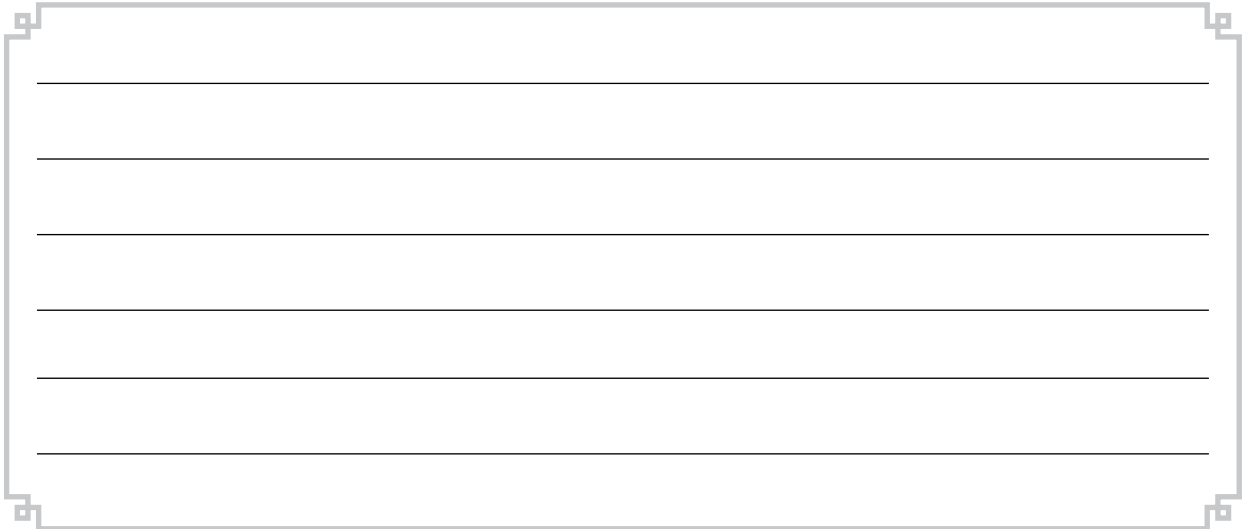


Rascunho

Questão
10

O autor utilizou nesse poema recursos formais da poesia tradicional e a eles incorporou traços característicos da linguagem modernista.

Considerando a estrutura do poema, identifique dois aspectos formais da poesia tradicional e aponte uma característica da linguagem modernista e seu respectivo exemplo.



Rascunho

